

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2015

A NOVA VIDA DO

n.º18

CARRONO

LINCE BÉRICO

PORTUGAL UNE-SE NA DEFESA DO FELINO MAIS AMEAÇADO DO PLANETA * À CONVERSA COM LUÍSA SOBRAL

O AVIÃO QUE VOA COM A LUZ DO SOL

CONHECE OS MITOS DA RECICLAGEM?

UMA ECOVILA DE PORTUGAL PARA O MUNDO







SUMÁRIO

As emissões geradas pela presente edição da *Revista Recicla* no que respeita à produção e impressão de papel foram medidas e compensadas pela Carbono Zero

Esta revista é distribuída aos assinantes das revistas *Caras* e *Activa* e não pode ser vendida separadamente

A RECICLA é impressa em papel reciclado e com tintas ecológicas



Na Eco-Village
Community tudo é
sustentável

04 NOTÍCIAS

Iniciativas e projetos de olhos postos no ambiente

06

NOVIDADES

Rui Santos imaginou uma ecovila e não descansa enquanto não a vir construída

10

TENDÊNCIAS

Óculos de sol feitos de madeira

12

ECOEMPREENDEDORES

Manuel da Costa conquista-nos com as suculentas

14

TEMA DE CAPA

O regresso do lince-ibérico

O felino mais ameaçado do planeta dá-nos nova oportunidade de aprendermos a conviver com ele

22

CURIOSIDADES

Os cosméticos naturais da Sandalum

24

TENDÊNCIAS

Um caderno para escrever, apagar e voltar a escrever

36

Casas amigas do ambiente e capazes de se adaptarem à paisagem

Sabia que há óculos que protegem

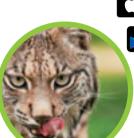
Luísa Sobral

disco e dos seus

fala do novo

bons hábitos

os olhos e respeitam o meio ambiente?



Descarregar na
App Store

DISPONÍVEL NO Google play

Track to the state of the state

O lince-ibérico volta a viver no

território português e a *Recicla* conta--lhe tudo!

26

ENTREVISTA

Luísa Sobral

A cantora regressa à infância e explica-nos como respeita o planeta

30

MITOS DA RECICLAGEM

Nos bastidores da nova campanha da Sociedade Ponto Verde

32

MOBILIDADE

Volta ao mundo no Solar Impulse 2, um avião movido a energia solar

34

ENERGIAS RENOVÁVEIS

Entre os *kits* fotovoltaicos e uma plataforma para investimentos, uma boa ideia chamada Boa Energia

36

TENDÊNCIAS

Passará o futuro da arquitetura pelas casas modulares?

38

CURIOSIDADES

A Bio Poli quer diminuir a utilização de copos nos festivais de verão

40

AGENDA

Ideias verdes e sem idade

42

ECOKIDS

Queres adotar um burro de Miranda?



Manuel

juntou plantas a cortiça, restos de madeira e molduras recuperadas

FICHA TÉCNICA



Propriedade Sociedade Ponto Verde, S. A., Rua João Chagas, 53, 1.º, dir., 1495-764 Cruz Cuebrada, Dafundo. Tel. 210 102 400, Fax 210 102 499, www.pontoverde.pt, info@pontoverde. pt, NIF 503 794 040. Diretor: Mário Raposo Diretora adjunta: Susana Camacho Palma Periodicidade Trimestral (Edição n.º 18, Janeiro/ Março 2015) Depósito Legal 215010/04 ICS 124501 Tragem 17.000 exemplares



Edição Editora Medipress - Sociedade Jornalistica e Editorial, Lda. NPC 501 919 023. Capital Social: €74 748,90; CRC Lisboa. Composição do capital da entidade proprietária, Impresa Publishing, S. A. - 100%, R. Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos Tel.: 21 469 80 00 ∙ Fax: 21 469 85 00 Editor Pedro Guilherme Lopes Arte e projeto Rui Garcia e Rui Guerra Colaboradores Ana Rita Lúcio; Palmira Simões (textoj; Anabela Tirindade, Filipe Pombo, Luis Paixão com agências Getty Images e iStockphoto (fotos); Ricardo Best (ilustração); Rui Vasques (infografia); Dulce Paiva (revisão) Gestor de Produto Luis Miguel Correia Produtor Gráfico João Paulo Battle y Font Impressão Jorge Fernandes, Lda.





LUXO SUSTENTÁVEL

A NATIONAL GEOGRAPHIC lançou um site de alojamentos de sonho, o Unique Lodges of the World, os quais, para lá de todas as mordomias e mais algumas, têm algo muito importante em comum: têm na sua génese preocupações com a sustentabilidade. Na aprensentação do projeto, Lynn Cutter, vice-presidente executiva da National Geographic na área de Viagens e Licenças, explicou que a oferta inicial assenta em 24 hotéis butique que para além de estarem localizados em locais fantásticos, têm em comum as preocupações ambientais e uma política de apoio às comunidades locais e de preservação das heranças culturais.

O objetivo passa por, até ao final do ano, aumentar o número de estabelecimentos para 50, mas para já não faltam opções para todos os gostos: desde luxuosas tendas na Austrália ao deserto do Chile, passando pelas cabanas na fantástica floresta da Costa Rica, refúgios nas marroquinas montanhas do Atlas ou ilhas privadas na Polinésia Francesa. Agora é só escolher a viagem de uma vida, sabendo que, em simultâneo, está a proteger o planeta!

O SOL QUE REFRESCA

DE ACORDO COM NÚMEROS DAS NAÇÕES UNIDAS, 45% do que é cultivado nos países em desenvolvimento nunca chegam ao consumidor, acabando, invariavelmente, no lixo. Isso explica--se, na maioria dos casos, pelo clima muito seco e pela escassez de eletricidade. Foi tendo esses dados em mente que Arne Pauwels, um designer belga, criou a Wakati, uma mistura de tenda com arca frigorífica, pensada para manter os alimentos frescos por mais tempo, usando unicamente a energia solar. Para consegui--lo, o Wakati incorpora um painel solar de 3 W, que faz funcionar um ventilador. Juntando--lhe semanalmente cerca de 200 ml de água, consegue-se criar um ambiente suficientemente fresco e húmido para conservar até 150 quilogramas de produtos.

Neste momento, o Wakati já está presente no Haiti, Uganda e Afeganistão e custa pouco mais de 80 euros, preço que pode baixar à medida que as encomendas aumentarem.



NO RECICLAR ESTÁ O GANHO



E SE CADA CIDADÃO PAGASSE PELA QUANTIDADE DE RESÍDUOS QUE NÃO RECICLA? A pergunta serviu de base a um estudo feito por Dalila Sepúlveda, chefe de divisão na Câmara Municipal de Guimarães, sobre a aplicação de um sistema pay-as-you-throw (PAYT) aos resíduos indiferenciados gerados pelos habitantes do centro histórico da cidade. E com ele recebeu o Prémio Obra

Escrita Original Green Project Awards - Sociedade Ponto Verde. A partir da análise realizada foi possível calcular os quantitativos de resíduos na zona de intervenção e projetá--los com a introdução de um tarifário PAYT, baseado no volume de resíduos gerado pelos vimaranenses. Analisou--se também o impacto que este sistema poderá provocar no utilizador final. Este prémio foi atribuído, pelo terceiro ano consecutivo, pela Sociedade Ponto Verde,

em parceria com a editora Princípia, com o objetivo de promover a divulgação de trabalhos originais, de natureza académica e científica, nas temáticas do desenvolvimento sustentável e da economia verde.



O DETERGENTE MAIS ECOLÓGICO **DE SEMPRE**



LAUREN SINGER é uma americana que está nas bocas do mundo por durante os dois últimos anos não ter produzido lixo. Formada em Estudos Ambientais, Lauren é uma acérrima defensora do planeta e dedicou-se a aprender a fazer todos os seus produtos do dia a dia de forma orgânica. Dessas experiências nasceu um detergente que se apresenta como o mais ecológico de sempre, colocando

de lado todos os químicos e garantindo roupa limpa com apenas três ingredientes orgânicos: sabão de Castela, bicarbonato de sódio e carbonato de sódio. O Simply Co. vem numa embalagem de papelão, pronta a ser reciclada, pode lavar até 50 máquinas de roupa e está disponível sem cheiro ou com perfume de lavanda.

74% DOS PORTUGUESES JA SEPARAM AS EMBALAGENS **USADAS**

UM ESTUDO QUE ESTÁ A SER DESENVOLVIDO

pela Sociedade Ponto Verde através de questionários efetuados no âmbito da Missão Reciclar a cerca de 246 mil inquiridos, de norte a sul do país, revela que 74% dos portugueses já separam as embalagens usadas. Os resultados preliminares deste estudo, que tem vindo a ser realizado desde dezembro de 2013, apontam para um crescimento de cinco pontos percentuais do número de separadores, quando comparado com os resultados obtidos em dezembro de 2011.

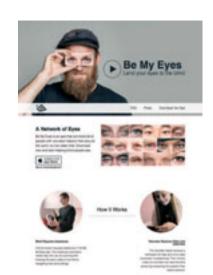


RECIÇLAGEM ATINGE MÁXIMOS HISTÓRICOS

EM 2014, A SOCIEDADE PONTO VERDE encaminhou para reciclagem 419 mil toneladas de embalagens recuperadas no fluxo urbano - origem doméstica, pequeno comércio e canal Horeca -, um aumento de 9% relativamente a 2014. Destaca-se o crescimento do plástico (mais 24%), do papel/cartão (mais 16,5%) e da madeira (mais 30%). Este é o valor mais elevado desde que a Sociedade Ponto Verde foi criada para a gestão de resíduos de embalagens, em 1996.



TOTAL COMBINADO DE FLUXO URBANO E EXTRAURBANO: 730.655 MIL TONELADAS DE RESÍDUOS DE EMBALAGENS ENCAMINHADAS PARA A RECICLAGEM EM 2014.









CHAMA-SE BE MY EYES, vem

OS CEGOS

da Dinamarca e promete ser uma das aplicações mais socialmente responsáveis de sempre. A mecânica é simples: qualquer pessoa pode inscrever-se como voluntário e disponibilizar-se para ajudar um dos invisuais da comunidade. Sempre que um deles necessita de ajuda, é iniciada uma chamada de vídeo para os voluntários aiudarem a resolver o problema. Caso o voluntário não possa atender, a chamada é passada a outra pessoa, sendo que no final, para evitar que esta rede seja utilizada para fins indevidos, cada utilizador avalia quem lhe prestou ajuda.



Eco-Village Community

NOVA FILOSOFIA DE VIDA

Uma visão da consciência humana e das sociedades pós-modernas diferente da atual é o que este projeto cem por cento ecológico pretende alcançar

á imaginou viver numa casa feita de terra, longe do

Texto Palmira Simões

produção agrícola e animal.

burburinho das cidades e da confusão consumista, inserido numa comunidade social cujo fim último consiste em estar em perfeita simbiose com tudo o que a Natureza lhe oferece? Soa a perfeito, não é verdade? Pois bem, o projeto Eco-Village Community propõe-se responder com uma nova consciência aos desafios económicos, ambientais e sociais das sociedades globais da atualidade. Como? Produzindo o mínimo impacto possível em todo o seu processo de planeamento e implementação e fechar o máximo de ciclos, como o da água, da energia, da matéria orgânica, da interação e bem-estar social e da

Foi assim que Rui Vasques, um jovem de 26 anos, o pensou. Cheio de sonhos e vontade de mudar o mundo, interessado pelas questões do desenvolvimento sustentável, o projeto de vida deste ecoempreendedor começou verdadeiramente durante a realização da sua tese de mestrado em Design de Produção Industrial (Construções Sustentáveis) que fez no IADE – Creative University. A ideia de criar de raiz um modelo social autossuficiente, a Eco-Village Community, nasceu após um aprofundado processo de pesquisa e investigação nas mais diversas temáticas, desde a neurociência ao funcionamento do planeta Terra.

O modelo baseia-se na economia verde e assenta em três pilares basilares: construção local (com sacos de terra compactados, ou Superadobe, técnica de construção natural criada pelo iraniano Nader Khalili nos anos 80 e desenvolvida inicialmente para ajudar desalojados em territórios vítimas de catástrofes naturais); produção local de recursos, como abrigo, energia, água, alimento, conforto e bem-estar, saúde,



conhecimento, tecnologias, utensílios, entre outros, e autossuficiência energética, através da utilização das energias renováveis e sistemas eficientes aplicados ao potencial energético do local.

Da maqueta à realidade

Coja (Arganil) poderá ser a localidade que um dia irá abrir os braços a esta ecovila. Trata-se, segundo o próprio Rui

Os últimos três anos têm sido passados em digressão pela Europa, com apresentações e tertúlias sobre este modelo social





Vasques, de uma meta a alcançar, e não de um projeto a realizar a curto prazo. Neste momento, a equipa encontra-se ainda a trabalhar para adquirir as competências e o know-how necessários, a estrutura legal, física, humana e financeira. O tempo ditará o momento certo para avançar com este e outros projetos - não só na Zona Centro como em outras regiões do País e também nos PALOP – fundamentalmente ligados ao turismo sustentável, à agricultura, à implementação de ecovilas, à arte e à educação para a sustentabilidade. "Temos ainda um longo caminho a percorrer ao nível da investigação - e que estou a iniciar dentro da IADE-UNIDCOM, Unidade de Investigação em Design e Comunicação, no Grupo de Trabalho ID:Co.Lab, Investigação Colaborativa em Design e Inovação Sustentável - para a criação dos primeiros protótipos e para desenvolver experiências reais destas metodologias e técnicas inovadoras. Mais tarde, a ideia será conceber também produtos/kits e soluções sustentáveis multidimensionais, para acelerar a transição para a era do desenvolvimento sustentável", explica.

Entusiastas pelo projeto não faltam, já que a adesão tem sido grande, a avaliar pelos milhares de felicitações e solicitações que este ecoempreendedor recebe de pessoas que têm vontade de fazer parte do empreendimento, de trabalhar nele, de aprender e de integrar a organização. Rui vive em Carcavelos, mas os últimos três anos têm sido passados em digressão, com apresentações e tertúlias sobre este modelo social por todo o País e pela Europa em inúmeros eventos.

ABRIR MENTALIDADES

É através de conferências, exposições e ações de formação que Rui procura consciencializar massas, capacitar grupos e comunidades

O primeiro passo para facilitar a implementação deste tipo de projetos consiste precisamente na abertura das mentalidades e na consciencialização para novas possibilidades de vida neste planeta. "Essa é uma visão que já existe em milhões de pessoas pelo

mundo fora e que tende a crescer. Está, por isso, na altura de começar a agir, ainda que em pequenos grupos cooperantes, e criar novos paradigmas de sistemas e modelos inovadores reais que tornem os atuais modelos ultrapassados."

É através de conferências, exposições e ações de formação que procura consciencializar massas, capacitar grupos e comunidades, realizar o networking e o feedback necessários, bem como contribuir para diversas associações e entidades que atualmente integra com o objetivo de desenvolver estas primeiras inovações em Portugal e arrancar com a organização para o desenvolvimento sustentável Global – Live with Earth, baseada em três princípios fundamentais: consciencialização, capacitação e inovação. Ideias que prometem.



ECO-VILLAGE COMMUNITY AO PORMENOR

Um sonho que assenta em três pilares base: construção local, produção local de recursos e autossuficiência energética

Infografia Rui Vasques



Tenda solar, exposição/feiras, mercado livre, atividades, estruturas temporárias

Zona destinada a eventos temporários ou permanentes. O espaço circular tem 80 metros de diâmetro e está coberto com uma tenda de captação de energia solar. Possui um elevador central que dá acesso ao piso superior, onde encontramos estufas biológicas e sistemas de aproveitamento energético.



Lagos, parques de merendas, horta comunitária

Na área de lazer encontramos lagos, parques, jardins e hortas comunitárias, relvados com árvores e mesas, onde se pode comer à sombra. Um local para passar o tempo e relaxar em harmonia com a Natureza.



Desportiva

Campos desportivos – basquetebol (2), futebol (3), voleibol (2), ténis (4) –, centro de saúde, parque infantil

Para lá da possibilidade de praticar desporto, esta zona inclui um parque infantil e um centro de saúde de cuidados hospitalares e terapêuticos, como massagem, meditação e atividades relacionadas com o bem-estar e a saúde.



Restaurante/bar, cafetaria, pastelaria, esplanadas Área de convívio junto aos parques, num ambiente acolhedor.



Cultural

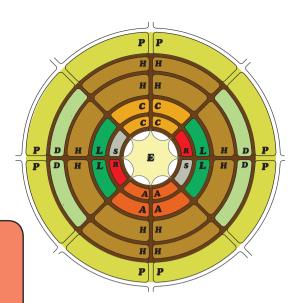
Tendas da cultura, biblioteca e salas de leitura, centro de culto, centro de informação, centro de comunicação, centro de Ensino

Aqui há quatro tendas destinadas a atividades relacionadas com o conhecimento, como palestras ou workshops. É também nesta zona que encontramos as bibliotecas, as salas de leitura, um centro de atendimento e informação ao público, um centro de comunicação com Internet e telefone e salas de reuniões. Existe ainda um centro de ensino, onde decorrem aulas sobre os mais variados temas relacionados com o desenvolvimento pessoal e em comunidade.



Habitações privadas (32), habitações comunitárias (28), habitações em adobe (60)

As habitações são as estruturas concebidas pelo design do Instituto Cal-Earth, juntamente com o apoio à construção e resistência de uma meia esfera geodésica, construída com sacos de terra e 10% de cimento (adobe). As habitações privadas têm jardim próprio com piscina (tratamento comum 2 a 2 e chaminés para churrasco comuns (2 a 2). As habitações comunitárias são para a comunidade decidir quem lá habita ou para acolher estrangeiros ou grupos que queiram visitar a comunidade. As habitações estão providas de equipamento de recolha de energia solar capaz de satisfazer as próprias necessidades de consumo elétrico e equilíbrio térmico e conectadas ao gerador principal/geral da comunidade. Têm ainda aproveitamento de águas subterrâneas e de vento, para obtenção de energia eólica.



Sistemas

Central energética, tratamento de águas, tratamento de resíduos, oficinas de manutenção

 ∞

É nestas estruturas que se trata a água, os resíduos orgânicos, recicláveis e lixo, convertendo-os em biogás e biocombustíveis, e onde se encontra a central de equipamento elétrico ligada às habitações e aos postes de luz de captação de energia solar e eólica. Existe ainda uma estrutura que serve como armazém e oficina para trabalhos da comunidade.



Tendas da arte, teatros, centros de exposições, centro de ensino artístico, centro infantil

Quatro tendas destinadas a eventos relacionados com arte ou expressão artística (concertos, malabarismo, arte corporal, dança, etc.). As exposições variam de tema consoante a época do ano e há lugar para um centro de ensino das artes plásticas e para um centro de infância.

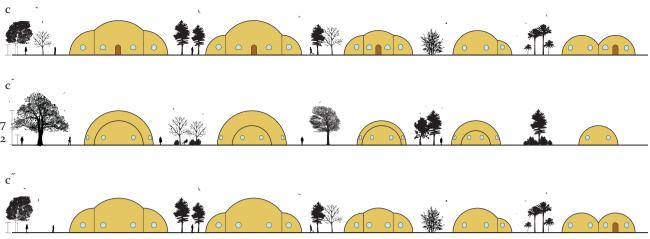


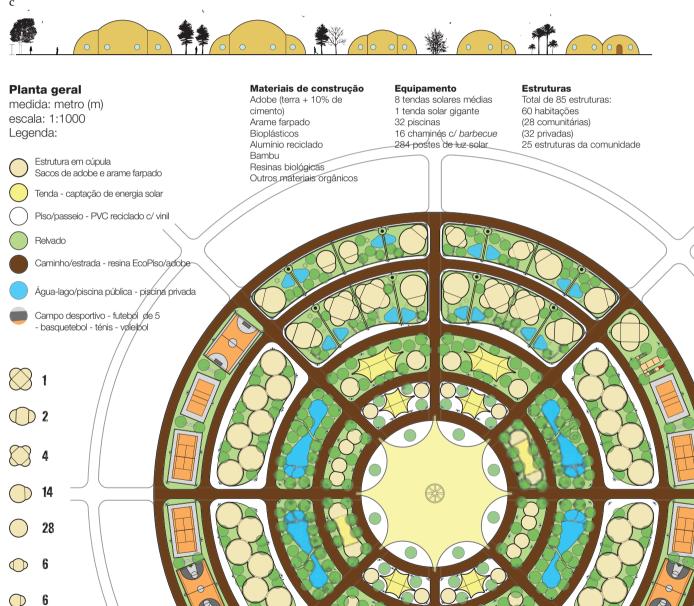
Permacultura

Floresta da comunidade, hortas/estufas, agricultura biológica, criação animal

É aqui que encontramos a floresta comunitária, capaz de garantir madeira certificada de crescimento natural. Existem também hortas e estufas de agricultura biológica, onde se produzem fertilizantes naturais, comida, vegetais, frutos e bens essenciais, bancos de sementes e onde se faz reprodução de espécies animais e vegetais. A autossubsistência da comunidade no que toca a produtos e derivados alimentares passa por aqui.

Alçados exteriores







Óculos de sol em madeira

UM OLHAR CONSCIENTE

Se é notório que cada vez mais o *design* ganha uma relevância significativa na divulgação da consciência ambiental, a Skog apresenta-se como um ótimo exemplo de como estilo e qualidade podem andar de mãos dadas com a vontade de diminuir a pegada de carbono

Texto Pedro Guilherme Lopes

oi a tentar responder ao problema do preço elevado dos óculos de sol de boa qualidade que três amigos - Nuno Pinto, Afonso Caldeira e Hugo Janes - começaram a trabalhar neste projeto. E depressa perceberam que existiam duas razões de peso para os elevados preços deste produto: em primeiro lugar, uma única empresa detém aproximadamente 75% do mercado a nível mundial; em segundo lugar, a distribuição é quase exclusivamente física e não via *online*, o que acaba por encarecer os produtos. "Entendemos que existe uma oportunidade para

explorar tanto no lado da produção como no lado da distribuição, e lançámos os nossos óculos com lentes polarizadas de elevada qualidade e feitos de madeira ou bambu, com preços entre 50 e 60 euros. Não conhecemos mais nada no mercado com esta relação qualidade/preço", explica Hugo Janes.

Chamaram-lhes Skog (pt.skogeyewear. com) e tiveram em atenção o facto dos óculos de sol serem "a peça que ocupa o *real estate* mais relevante de cada pessoa: a sua cara. Nesse sentido, é um desafio muito interessante pensar como se pode abordar esta

peça de forma inovadora, seja nos formatos, materiais, cor e qualidade das lentes e parcerias com artistas/ designers", continua Hugo. "Tentámos trabalhar nas principais características relevantes, o cuidado com a escolha dos materiais, o preco acessível, o design apelativo, e o resultado foi uma marca que representa sustentabilidade e singularidade e que olha para os óculos de sol como obras de arte." Para lá de aspirarem a ser obras de arte, os Skog são um reflexo da preocupação ecológica dos seus mentores e do facto de acreditarem que os processos de fabrico, de design e de venda têm de

tentar caminhar para uma redução drástica da pegada de carbono. "Ao criarmos a Skog, esteve presente, desde o primeiro momento, um trabalho muito cuidadoso na escolha dos materiais. As escolhas da madeira e do bambu surgiram como as opções mais viáveis, depois de estudarmos como poderíamos perseguir uma personalidade ecológica para a marca sem que o material comprometesse a qualidade dos próprios óculos." Estes óculos de madeira passam por aproximadamente dez etapas de produção com grande intervenção manual. Desde a escolha da peça de madeira que vai dar origem aos Skog até à aplicação das lentes. são necessárias cerca de três semanas até um novo modelo ficar pronto. Os consumidores Skog são maioritariamente homens e mulheres entre os 20 e os 45 anos, "mas o que realmente caracteriza o nosso cliente tipo é a procura por algo diferente e sofisticado, algo disruptivo. São pessoas que têm uma forma diferente de olhar a vida. Alquém que procura um artigo único que acentue a sua singularidade", afirma Hugo Janes. E estarão estes consumidores mais





Modelos Cannes ou Nazaré são dois dos modelos que têm conquistado os consumidores

predispostos a fazer as suas escolhas com base no respeito que os produtos têm pelo ambiente? "Acreditamos que sim, mas existem formas de potenciar esta predisposição do consumidor. Um bom exemplo disso é a frase que utilizamos para descrever o nosso produto: 'não há dois pares iguais'. O consumidor atual procura algo diferente, algo único, que o distinga e que o valorize, e julgo que não há melhor maneira de garantir isso do que associar esta componente de singularidade à sustentabilidade dos materiais. O feedback dos nossos clientes relativamente ao posicionamento da marca e à qualidade do produto final tem sido ótimo." Em busca dessa singularidade, a Skog prepara várias novidades para 2015, embora os seus criadores optem por ainda não revelar todos os detalhes. "O que podemos partilhar é que estamos a trabalhar na nova coleção primavera/ verão sempre muito focados na inovação do produto e que vamos começar a trabalhar novos mercados dentro da Europa." E nesses novos mercados este projeto português continuará a passar a mensagem de que cada vez mais se torna essencial que as marcas sejam capazes de promover a consciência ambiental.

NEW LOOK NA CAPITAL DO MÓVEL

Óculos feitos à mão que reinventam a tradição.

Sérgio Barbosa é o mentor da NaturaLook. Apostado em inovar e aproveitando os recursos que tinha (a madeira), Sérgio lançou "uma marca de óculos feitos à mão com as melhores madeiras. A cada par de óculos são dedicadas horas de trabalho artesanal, para que o produto final seja o mais perfeito possível". Os precos variam consoante o nível de personalização, sendo de realçar que apenas são utilizadas madeiras dentro dos parâmetros definidos de crescimento, que as peças recebem tratamento ecofriendly e que todo o material que sobra é reciclado.



O PODER DO BAMBU

Os óculos portugueses que conquistaram Garrett McNamara.

O bambu é apontado como sendo a planta com maior ritmo de crescimento em todo o mundo, tendo características únicas, como o facto de não empenar, não dilatar com a humidade e de ser biodegradável. Reunindo todas estas qualidades, Marco Santos lançou a Boo, que se assume como a primeira marca portuguesa de óculos de sol em bambu. Apresenta-se com modelos unissexo, todos eles de fabrico manual, e com lentes polarizadas.





Thrive

UMA SURPRESA CHAMADA SUCULENTAS

Ter plantas em casa é algo normal. Colocá-las em vasos de plástico ou de cerâmica, também. Mas, e se essas plantas se chamarem suculentas e forem colocadas em rolhas de cortiça, em madeiras apanhadas nas praias e junto aos rios ou em molduras reutilizadas? Manuel da Costa passou da teoria à prática e lançou a Thrive

Texto Pedro Guilherme Lopes Fotografia Anabela Trindade

s pais de Manuel da Costa sempre tiveram um jardim com as mais variadas espécies de plantas. E sempre procuraram incutir-lhe o gosto pela Natureza e o cuidado com a mesma. A "paixão" pelas suculentas, plantas nas quais se incluem os catos e que apresentam como característica a durabilidade e a capacidade de resistir aos contextos mais adversos, surgiu por arrasto. "As primeiras que apanhei foi à beira da estrada, no Alentejo, e a partir daí fui começando a interessar-me pelas variadíssimas espécies e respetivas formas", recorda. Colecionador de suculentas há alguns anos, Manuel sempre as teve em vasos, como é normal para a maioria das pessoas. Um dia, numa das suas pesquisas, cruzou-se com uma ideia que o levou a decidir fazer um quadro para si. "A partir daí, foram surgindo outras ideias e outros suportes, e decidi-me a criar o meu próprio emprego, trabalhando com algo que me dá gozo", explica.

Hoje, a Thrive apresenta-se como uma marca que procura novas maneiras de apresentar suculentas de uma forma sustentável e, ao mesmo tempo, apelativa. No fundo, pretende dar um palco maior a estas plantas, que, na opinião de Manuel, demasiadas vezes ficam em segundo plano, presas a um vaso monótono, num canto da sala ou na varanda. Todos os suportes para as suculentas são feitos à mão, numa oficina no Porto, o que faz com que cada peça seja única. Peças que surgem em três categorias diferentes: os Driftwood Planters, os Vertical Gardens

FEITOS À MÃO

Todos os suportes para as suculentas são feitos à mão, numa oficina no Porto, o que faz com que cada peça seja única.

CORK FLOWERPOTS

As suculentas são colocadas em rolhas de cortiça trabalhadas e envernizadas, transformando--se em pequenos vasos magnéticos.

DRIFTWOOD PLANTERS

Manuel recolhe madeiras na praia ou junto aos rios. Escava-as, para lhes dar forma, e enche-as de terra e de musgo, garantindo uma boa base às plantas.

VERTICAL GARDENS

Feitos a partir da reutilização de molduras. Neste caso, para lá de lixar e pintar as molduras, o jovem empreendedor constrói uma caixa em contraplacado marítimo, onde ficará a terra.

DE PEQUENINO...

Os pais de Manuel da Costa sempre tiveram um jardim com as mais variadas espécies de plantas. E sempre procuraram incutir-lhe o gosto pela Natureza e o cuidado com a mesma.



SER EMPREENDEDOR RIMA COM CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA?

Manuel é mais um empreendedor que apresenta um projeto com preocupações ambientais. Será mais fácil a quem está a começar arrancar tendo como objetivo alertar consciências?

"No meu caso, todo o processo foi tão espontâneo que não tive isso em consideração. Isto é, neste 'produto' em específico não poderia ser de uma forma que não envolvesse uma preocupação ambiental. Em todo o caso, creio que é uma preocupação cada vez mais presente em novas empresas e em novas marcas, mas nada garante que começar um projeto torne mais fácil essa aposta. Aliás, sinto que, apesar de estar em desenvolvimento, o mercado eco-friendly ainda não cresceu o suficiente para que seja uma preocupação primordial para quem cria o seu próprio negócio."

?

Não é possível utilizar rolhas de cortiça usadas.
Por norma, as rolhas já estão danificadas pelo
saca-rolhas e o seu diâmetro não permite uma
boa fixação das raízes. Talvez a longo prazo
seja possível pensar em suportes de cortiça
reciclada de maior dimensão

e os Magnetic Cork Flowerpots. Comecemos por estes últimos, em que as suculentas são colocadas em rolhas de cortiça trabalhadas e envernizadas e se transformam em pequenos vasos magnéticos (podem ser colocados no frigorífico, por exemplo). Para os Driftwood Planters, Manuel recolhe madeiras na praia ou junto aos rios. Escava-as, para lhes dar forma, e enche-as de terra e de musgo. Falta falar dos Vertical Gardens, feitos a partir da reutilização de molduras. Neste caso, para lá de lixar e pintar as molduras, o jovem empreendedor constrói uma caixa em contraplacado marítimo onde ficará a terra. Em qualquer dos casos, as suculentas demoram cerca de 20 dias a enraizarem e estarem prontas a viajar para casa de um cliente. A grande vantagem, explica Manuel, "é o facto de as suculentas não terem de ser regadas constantemente. No caso das rolhas, a quantidade de água necessária é apenas a suficiente para humedecer a terra e implicará uma maior regularidade na rega. No caso dos verticais, será necessário colocar na horizontal de cada vez que necessitar de rega e ter o mesmo cuidado de humedecer a terra sem a encharcar. Em todos os casos, a melhor água será a destilada, pois por vezes, dependendo do nível de concentração dos minerais, quando estes secam sobre a planta podem manchá-la e, a longo prazo, danificá-la".



Biodiversidade

Se é verdade que os gatos têm sete vidas, então um gato-bravo deve ter ainda mais. Apontado como o felino mais ameaçado do mundo, o lince-ibérico ganha energia redobrada com a reintrodução de espécies criadas em cativeiro em território nacional, algo inédito no nosso país e só possível por vários anos de trabalho, com destaque para o Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico. Quase em simultâneo, o Jardim Zoológico recebeu dois linces nas novas instalações propositadamente criadas, algo fundamental para a sensibilização da população. A nova vida para o lince-ibérico está agora a começar e ter um final feliz depende de todos nós!

Texto Pedro Guilherme Lopes Fotografia Luís Paixão/AFFP





CAPA | LINCE-IBÉRICO



dia 16 de dezembro de 2014 ficará na memória de todos quantos assistiram à chegada de Katmandu e Jacarandá a Mértola. Ao correr rumo ao seu habitat natural. o primeiro casal de

serem libertados em Portugal transportou com ele a esperança de uma segunda oportunidade para a espécie de felino mais ameaçada no nosso país. Dez dias depois, outro casal de linces-ibéricos era notícia. Azahar e Gamma chegavam ao Jardim Zoológico para ocuparem as novas instalações, tornando-se protagonistas no processo de educação e de alerta de consciências. Como ponto comum destes dois momentos encontramos o Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico, em Silves, de onde saíram Jacarandá e Azahar, duas fêmeas. Esta última. aliás, foi uma das primeiras fêmeas do Programa Ibérico de Conservação ex situ (reprodução em cativeiro) e em 2009 teria honras de ser o primeiro animal a ocupar as instalações do CNRLI. E é precisamente nestas instalações que encontramos Rodrigo Serra, o responsável por este centro de reprodução, incluído num projeto internacional que conta com cinco centros de cria e com uma direção técnica e científica única, já assumida pelo CNRLI em 2013-2014. É ele que nos explica que o programa de conservação *ex situ* tem como objetivos principais manter o máximo de diversidade genética existente na Natureza pelo maior período de tempo possível, como salvaguarda contra a extinção da espécie em estado selvagem, e a produção de animais adequados para municiar projetos de reintrodução na Península Ibérica. "Como tal, mantemos e produzimos linces para salvaguardar a espécie da extinção em toda a Península, em parceria com mais quatro centros de cria em Espanha, e produzimos linces-ibéricos aptos para projetos para reintrodução em toda a Península

também. Independentemente de onde se reintroduzem, o objetivo é a recuperação da espécie por toda a Península, e não apenas em Portugal", explica. Sabendo-se que este foi um processo iniciado em 2009, há uma questão que o cidadão comum poderá colocar: quais as razões que obrigaram a esperar cinco anos até reintroduzir a espécie na Natureza? O responsável sublinha que não podemos nunca esquecer que os projetos de reintrodução levam tempo e dependem de uma quantidade de variáveis dificilmente controláveis, como, por exemplo, a disponibilidade de animais para reintroduzir. "Acima de tudo, é necessário garantir que as causas de mortalidade que levaram a espécie à extinção em determinados pontos da Península são minimizadas e que a reintrodução tem o apoio das populações locais e dos agentes

que atuam no território que se propõe para estes projetos. É necessário ter em conta que até junho de 2014 apenas existiam projetos de reintrodução na Andaluzia, comunidade autónoma de Espanha onde ainda se mantêm populações selvagens remanescentes e que avançou primeiro com duas novas zonas de reintrodução. Apenas a partir de junho de 2014, há cerca de seis meses, avançaram as comunidades autónomas de Extremadura e Castela-La Mancha, e Portugal. Não se pode falar de atraso no caso de Portugal, mas sim de calendários ibéricos e internacionais que Portugal tem feito por cumprir, dentro do projeto LIFE+ Iberlince, do qual o nosso país é parceiro", completa. Este regresso do lince-ibérico ao nosso território acaba por ser uma excelente ocasião para fazer um balanço da meia década de vida do Centro. Um balanço

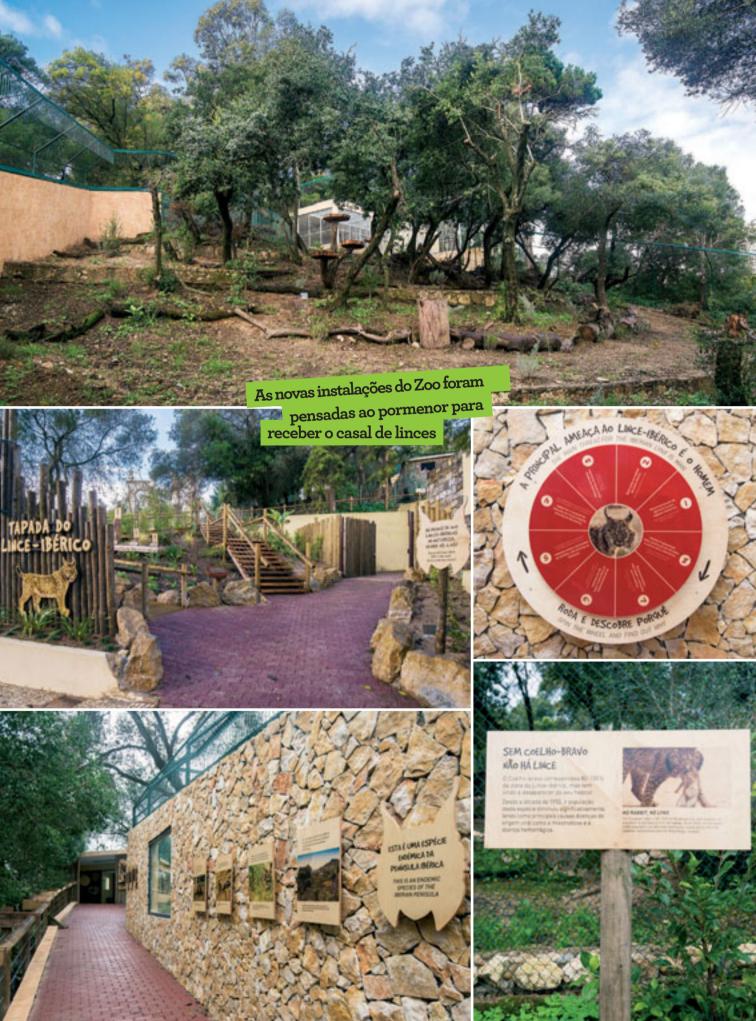
APRENDER A SER BRAVO

Quando pensamos em linces, pensamos, obviamente, em animais bravos. Acreditando que muitos dos instintos são inatos, como é que se ensina uma espécie brava a ser selvagem e a viver como tal?

A pergunta é legítima e não podia deixar de ser colocada na presença do responsável pelo Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico. "O papel de educar os linces-ibéricos em cativeiro toca principalmente às mães, que lhes ensinam os comportamentos naturais da espécie, agindo, inclusivamente, como 'árbitro' perante a sua ninhada, quando as crias se excedem umas com as outras", comeca por explicar Rodrigo Serra. adiantando que essa é uma das razões que faz com que o CNRLI não seja visitável. "É necessário que os linces em cativeiro não se habituem à presença de humanos, apenas àqueles estritamente necessários, para que as condutas naturais da espécie não se percam - é imperativo evitar qualquer tipo de domesticação." É por isso que no Centro o contacto dos tratadores com as ninhadas de reintrodução está ainda mais limitado, de forma a que estas não se habituem de todo à sua presença. Periódica e aleatoriamente, procura-se ainda criar medo a

estas ninhadas através da entrada imprevisível de tratadores nos seus cercados, perseguindo estes animais até que estes fujam como se fosse pela sua vida. "Desagradável, é certo, mas necessário. Não queremos linces perto das populações humanas nem dos seus animais, como, por exemplo, os galinheiros e o gado, porque isso irá representar um grave risco para a sua sobrevivência a curto e médio prazo", afirma o responsável.

O alimento não é diretamente fornecido a estes linces, mas sim através de um sistema fora do seu cercado. Por outro lado, o alimento não está sempre disponível, sendo fornecido em horários aleatórios, para que sejam estimulados os seus comportamentos de busca por alimento e técnicas de caça. E aprendem a competir entre irmãos pela comida disponível, o que os ajuda a aprenderem a enfrentar situações de definição de hierarquia sem se atacarem a ponto de se matarem. Assim, aprendem a roubar alimento e a defender o alimento que caçam.



CAPA ∫ LINCE-IBÉRICO



muito positivo, com uma curva de aprendizagem muito rápida, tanto para os animais que ali chegaram em 2009 e 2010 - todos inexperientes do ponto de vista da reprodução - como para os técnicos. "Tivemos um arranque difícil devido às expectativas geradas com o primeiro parto obtido apenas três meses após a abertura do Centro, mas perfeitamente natural, tendo em conta que apenas recebemos fêmeas inexperientes ou muito jovens, situação normal nos programas internacionais de reprodução em cativeiro. Em apenas cinco anos, e após receber 16 animais, produzimos já cerca de 60 linces, dos quais 26 foram já reintroduzidos na Natureza e mais oito animais aguardam a sua data de solta nos tempos mais próximos", recorda Rodrigo. E o sucesso destes cinco anos de vida sai reforçado se olharmos para alguns resultados marcantes, caso do recorde de 21 crias produzidas numa só temporada de cria, em 2012, o recorde de 100% de sobrevivência em 17 crias nascidas em 2013, a primeira ninhada

de cinco crias alguma vez registada em cativeiro, também em 2013, e, finalmente, o nascimento e solta da primeira fêmea reintroduzida em Portugal após décadas de ausência no país, em 2014.

Um novo ciclo

Esta reintrodução vem abrir um novo ciclo para a conservação da espécie em Portugal e também para o CNRLI: o da sua adaptação à nova realidade que vem com a existência de populações selvagens da espécie em território português e o da manutenção dos excelentes resultados obtidos até agora. E o Centro poderá também vir a ter uma palavra a dizer na recuperação de linces-ibéricos feridos no nosso país, um desafio duro e exigente, mas totalmente novo e aliciante. E este novo ciclo tem como palco o Vale do Guadiana, uma escolha que, à semelhança da seleção das zonas de reintrodução na Península Ibérica como um todo, obedece a regras e requisitos mínimos acordados entre todos os parceiros do programa LIFE+ Iberlince,

um projeto internacional cofinanciado pela Comissão Europeia. Estas regras e requisitos são então sancionados pela Comissão Europeia, sendo considerados todos os fatores relevantes – densidade de coelho-bravo, qualidade do *habitat*, área total, atitude social das populações, ameaças não naturais (estradas, etc.) e medidas para a sua redução, comunicação potencial com outras populações de lince-ibérico, entre outras. Depois dessa avaliação é definido um *ranking* de prioridades, que dita a escolha do primeiro local de solta em cada país/comunidade autónoma.

"O que pode representar este momento de expansão dos projetos de reintrodução é uma nova esperança, também fora da Andaluzia – a grande responsável pelo recuo no declínio da espécie – e em dois países, em vez de um apenas, como até aqui", explica Rodrigo Serra. Uma lufada de ar fresco e um aumento líquido dos números totais da espécie no mundo e da área total que esta ocupa. "É um mundo novo, uma grande aventura, mas também uma imensa responsabilidade!"

O sucesso depende de todos

Mas para que esta ação tenha sucesso é incontornável o envolvimento das comunidades locais. E para consegui--lo é fundamental que as populações sejam informadas sobre vários aspetos da reintrodução da espécie e que entendam que a espécie e a presença de projetos de conservação da mesma não irão representar uma limitação ou um peso às suas atividades, mas sim uma oportunidade de ouro e uma ferramenta de gestão ecológica e ambiental. "Podemos falar de benefícios ecológicos, ambientais - o papel do lince no ecossistema, como predador de topo, é regular uma quantidade apreciável dos processos que influenciam o habitat e a sua qualidade –, e de benefícios económicos, por exemplo através do aumento da densidade de presas, como o coelho-bravo e a perdiz, que o lince obtém



ao regular a densidade dos predadores menores, como a raposa, através de perseguição direta. Isso trará benefícios para a atividade cinegética, mas também para todos, através da qualidade dos serviços que um ecossistema saudável e íntegro traz para todos - ar e água limpos", defende o responsável pelo Centro. Importa igualmente recordar que o turismo de Natureza é uma atividade económica em crescimento e que a presença do lince-ibérico noutras regiões da Península Ibérica já se revela um motor socioeconómico relevante e uma oportunidade a não descurar. Não admira, por isso, que Rodrigo Serra defenda que, se o projeto de reintrodução da espécie em Portugal for conduzido com o envolvimento das populações locais, "criará emprego e oportunidades no interior do país, valorizando-o. E valorizando o lince-ibérico, uma espécie única, nossa e que representa valores emocionais e culturais absolutamente portugueses, responsabilidade nossa perante a Europa e perante o mundo".







Fundamental é, no entanto, não apagar da memória os motivos que terão estado na base da redução drástica do número de linces no seu *habitat* natural. Sabese hoje que a redução e pré-extinção das populações de lince-ibérico estão ligados a fatores naturais - epidemias que afetaram e afetam ainda as populações da sua presa principal, o coelho-bravo, por exemplo - e a fatores não naturais, que vão desde a alteração do uso do solo à destruição do *habitat*, à fragmentação da paisagem através da construção de infraestruturas, como estradas e barragens, e práticas agropecuárias intensivas, até à perseguição direta ou indireta através da prática de furtivismo, atropelamentos, entre outros fatores. "Para evitar estes erros, é preciso minimizar o impacto destes fatores e não abandonar os esforços de conservação da espécie a médio e a longo prazo", aponta Rodrigo. "A reabilitação das populações de lince--ibérico na Península Ibérica será um processo muito duro e longo e é preciso fôlego para melhorar as condições para a espécie e fazer evoluir as atitudes que temos perante a mesma. É um processo que terá de ser transversal a toda a sociedade portuguesa e espanhola." Neste processo, a inauguração das novas instalações do lince-ibérico no Jardim Zoológico de Lisboa revela-se um complemento muito importante no que toca à sensibilização. Azahar e Gamma são o casal de linces-ibéricos que procurarão inverter a máxima "longe da vista, longe do coração". Rui Bernardino, veterinário do Zoo, conta-nos que a ambientação está a ser ótima, pese as diferenças de personalidade entre o macho e a fêmea. "O Gamma nasceu em cativeiro. É um animal que tem epilepsia e que está a ser medicado e que desde sempre teve contacto humano, portanto é natural que esteja habituado. A Azahar foi capturada na Natureza e, apesar de estar em cativeiro há nove anos, devido a um problema na coluna, mantém os seus instintos selvagens muito mais apurados, daí que se mostre mais furtiva."



A presença do lince-ibérico pode ser um motor socioeconómico relevante

Claro que isso não impede os visitantes de observarem os novos moradores do Zoológico, para os quais foi pensada uma instalação com espécies de vegetação que mimetizam o que o animal pode encontrar no estado selvagem e onde foram criadas plataformas a diversas alturas. Mas os pormenores vão mais além e está prevista que a instalação vá sofrendo alterações ao longo do tempo, de forma a que, tal como na Natureza, os animais se deparem com desafios diferentes. Tudo isto fazendo parte de um projeto de conservação da espécie no qual o Zoo é parceiro do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. "É um projeto muito especial", afirma Rui Bernardino. "Normalmente, nós apoiamos projetos de conservação aue decorrem do outro lado do mundo e com os quais os visitantes não têm grande hipótese de interferência direta. Neste caso, falamos de uma espécie

diretamente ligada ao nosso país e cujo sucesso em muito vai depender do comportamento da população face a ela. Estamos a falar de uma espécie que, afinal, desapareceu da nossa fauna. Agora que se iniciou a reintrodução da espécie no nosso território, é fundamental o papel educativo e de sensibilização das pessoas que o Jardim Zoológico desempenha." O veterinário, que também já colaborou com o Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico, considera mesmo que todas as pessoas deviam olhar para esta reintrodução como uma segunda oportunidade que a espécie está a dar-nos. Rodrigo Serra sublinha que "fomos nós que criámos esta segunda oportunidade! É fruto de um enorme trabalho, de um mar de gente, por anos a fio, e custou muito, mas mesmo muito, a criar. Esta oportunidade é de ouro. Não só temos uma responsabilidade grande perante o mundo - que diríamos nós da China se se extinguisse o panda--gigante? - como trabalhámos muito, portugueses, espanhóis e europeus, para dar ao lince e a nós próprios esta segunda oportunidade. Não a devemos perder – pode ser a última. Ficaremos irreversivelmente mais pobres se tal acontecer!".



sândalo é uma das árvores mais valiosas do mundo, visto os óleos essenciais dela extraídos terem inúmeros benefícios e aplicações, nomeadamente ao nível da aromaterapia. Este portento, sagrado na Índia, serviu de inspiração a duas jovens de Cantanhede, Joana Fernandes, 27 anos, formada em Biotecnologia, e Valéria Custódio, de 26, bióloga e bioquímica. Cansadas de gastar dinheiro nos produtos comercializados pelas marcas cosméticas comuns, muitas vezes saturados de químicos sintéticos, e preocupadas com os seus efeitos nocivos na saúde, decidiram um dia mudar de hábitos de higiene e beleza e criaram a linha Sandalum (sandalum.wix. com/sandalum). Juntando os saberes académicos de cada uma, começaram a otimizar e a fabricar as suas próprias formulações caseiras, baseadas nos mais puros e frescos

produtos que a terra dá. Partilharam as novidades com as pessoas que as rodeavam e os resultados não se fizeram esperar. Atualmente, o seu objetivo é levar a marca cada vez mais longe e mostrar ao mundo as suas vantagens. A linha inclui gel de banho, cremes e batons naturais, produzidos com matérias-primas nacionais e certificadas, como azeite, mel, cera de abelha e óleos essenciais.

O projeto Sandalum valeu a esta dupla de empreendedoras o primeiro lugar no concurso Startup Weekend Coimbra em 2014, prémio que veio ajudar a traçar e a definir melhor o caminho a seguir. Após incubação no Instituto Pedro Nunes, foi possível o acesso a mentoria por pessoas experientes em várias áreas do empreendedorismo. "Este conjunto de pessoas tem acompanhado o projeto bem de perto e transmite-nos confiança e conhecimento para que seja

O segredo da Sandalum reside na simplicidade, inovação e paixão que as duas mentoras do projeto colocam em cada produto que criam

possível enfrentar os obstáculos que vão surgindo ao longo do seu desenvolvimento", refere Joana Fernandes. Por outro lado, uma empresa de design está a trabalhar no re-branding da marca de forma personalizada e inovadora. Em breve será

lançada a nova imagem, quer em termos de site (e loja online), quer do próprio embalamento e rotulagem dos produtos. A cosmética natural constitui uma área muito reconhecida no estrangeiro, mas que só agora começa a dar os primeiros passos em Portugal. As pessoas já vão compreendendo a sua importância e os benefícios que pode trazer para o seu bem--estar e saúde. "Pena não haver ainda investidores a apoiar

este projeto", lamenta Joana. E acrescenta: "Para podermos

com os fornecedores de matérias-primas como com as lojas

físicas em vários pontos do País. Além disso, continuamos a

crescer será necessário estabelecer fortes parcerias, tanto

"COZINHEIRO" DE COSMÉTICOS

Lá por fora há um português, chamado Fábio Gomes, que vai conquistando estrelas da música e do cinema com a sua marca de cosméticos naturais

É na cozinha que Fábio Gomes, um maquilhador e hair stilyst português de 38 anos, radicado em Londres (Inglaterra), fabrica, de forma autodidata e artesanal, os seus cosméticos à base de produtos naturais e certificados (mesmo os poucos fortificantes ou conservantes necessários têm certificados orgânicos). Óleos essenciais, manteiga de karité, águas florais. cafeína e ácido hialurónico, também conhecido por "fonte da juventude", são a imagem de marca de uma linha que dá pelo nome de Ptah e que surge no seguimento de uma carreira durante a qual Fábio já se cruzou com estrelas como Kate Moss, Beyoncé, Ricky

Martin, Forest Whitaker, Scissor Sisters ou Little Boots. Constituída por um total de oito produtos entre eles bálsamo, tónico, creme hidratante para o corpo ou baton para o cieiro -, a marca destina--se ao público feminino e masculino e apresenta como um dos seus majores trunfos a versatilidade. Por exemplo, o Tehuti Powder é um pó de maquilhagem que pode ser utilizado em qualquer tom de pele e que regenera, purifica e trata o acne. E o bálsamo, além de hidratar, pode ser utilizado como desmaquilhante ou, no caso dos homens, como substituto da espuma para a barba. Motivos de sobra para nos prender a atenção.



lutar para conseguir apoio financeiro para esta fase inicial, uma vez que temos de certificar todos os produtos e otimizar o processo de produção a maior escala." Não obstante os obstáculos a vencer, Joana e Valéria continuam a sonhar. "Esperamos que a Sandalum seja uma referência em Portugal e no estrangeiro. Através dos nossos cosméticos, queremos transmitir o nosso conceito às pessoas e torná-las mais ecologicamente responsáveis e atentas àquilo que as rodeia." A atual fase de remodelação não implica paragens na produção. Estão previstas algumas novidades para fevereiro, em especial ligadas à temática do Dia dos Namorados. O lançamento da nova imagem será em março, sendo que as vendas continuarão a decorrer online, através da loja associada ao site, mas também já em alguns espaços físicos a anunciar em breve.



Mudam-se os tempos e os comportamentos. Já não chega substituir o papel à moda antiga pelo reciclado: recentemente surgiu um caderno reutilizável com a ambição de revolucionar o mercado

Texto Palmira Simões

ual é coisa qual é ela que tem folhas onde se pode fazer rascunhos, desenhar e escrever as vezes que se quiser mas que não é de papel? Não sabe? É o EcoBook, um caderno que por fora se assemelha aos tradicionais mas que por dentro funciona basicamente como um quadro branco igual àqueles que encontramos nas escolas e nas empresas. Além de prático, tem a grande vantagem de ser ecológico (reutilizável). Uma forma de poupar

papel, logo, o ambiente. A invenção é portuguesa e tem dono. Chama-se Pedro Alves, um estudante de 18 anos natural de Viseu mas a viver, a trabalhar e a estudar Engenharia Eletrotécnica e de Computadores no Porto. A ideia desta criação surgiu por força das circunstâncias. Como nunca se ajeitou ao lápis, porque não desliza bem, a borracha estraga as folhas e a caneta, apesar de deslizar, não se pode apagar, quis



Aparências: Parece um comum caderno, mas por dentro funciona como um quadro branco reutilizável

facilitar a escrita durante os estudos comprando um quadro branco onde pudesse escrever e apagar com facilidade as vezes necessárias. Mas tinha um contra: era demasiado grande, não se podia transportar, pelo que quando tinha dúvidas a tirar com o professor necessitava de fotografar o que escrevia ou de passar tudo para papel. Não dava jeito! Procurou então um quadro do género em formato portátil. Em vão. Decidiu por isso que tinha de ser ele a fazê-lo. Depressa meteu as

"mãos na massa" e desenvolveu um primeiro protótipo. Falou com o amigo Matheus Gerken, um estudante de Gestão de Marketing, de 20 anos, que adorou a ideia, e, juntos, deram seguimento ao projeto. Dinheiro não havia, pelo que para se financiarem fizeram uma campanha de *crowdfunding* que teve enorme sucesso. Originalmente solicitaram 1250 euros e obtiveram cerca de 2300, mais 85% do que tinham

pedido. O capital conseguido destinou-se à produção de stock, à criação da empresa e ao registo da marca. Sete meses mais tarde, o EcoBook estava disponível na loja online que entretanto criaram. A recetividade das pessoas e de algumas instituições ao caderno reutilizável superou as expectativas iniciais e, hoje, as vendas vão no bom caminho (começaram em meados de 2014 na série 0-3000 e já ultrapassaram esse número), tornando o projeto autossustentável. "Para um

produto totalmente novo, estes resultados conseguidos em tão poucos meses são bastante positivos", consideram. De tal forma que, apesar de tão jovens, já pensam o negócio com verdadeira estratégia empresarial: "Gostávamos de ser uma empresa de referência portuguesa, reconhecida pela qualidade dos seus produtos tanto por clientes como por colaboradores, comunidade, fornecedores e investidores." Outro dos objetivos consiste em poder ajudar causas solidárias. Recentemente desenvolveram uma campanha, que realizaram em conjunto com a Cruz Vermelha de Viseu, em que 50 cêntimos de cada caderno vendido revertiam a favor daquela instituição. A longo prazo, o mundo é o limite. Por agora, faz parte dos planos a internacionalização

para a Europa e para a América do Sul. Entretanto, estão à procura por todo o País de revendedores interessados em comercializar a invenção. Fátima, Maia, Viseu e Caparica são as quatro localidades que vendem o caderno em loja física nas suas três versões: A4 liso, A4 pautado e EcoNoteBook (A5); as canetas próprias, para não mancharem, compram-se em

conjunto ou separadamente, nas cores preto e vermelho.

Rosas e espinhos

Embora o negócio esteja a correr de vento em popa, nem tudo tem sido facilidades. "Para nós, a parte mais difícil foi lançar para o mercado um produto inovador, algo que as pessoas não conheciam. Visto numa prateleira, o EcoBook parece um caderno perfeitamente normal, por isso a cada venda tínhamos

de explicar ao cliente o que era, o que fazia. como funcionava", esclarece Pedro Lopes. A esta dificuldade juntou-se o fator idade. "Nós chegávamos a uma papelaria, a uma fábrica ou a uma empresa para negociar e as pessoas simplesmente não nos levavam (e às vezes ainda não nos levam) a sério. Solucionámos o problema com a nossa postura e a nossa maneira de falar. Só assim se foram apercebendo de que não estavam à frente de duas crianças, mas sim de dois empresários que por acaso eram, e são, jovens." Vontade de trabalhar não lhes falta. Aliás, esse é talvez o grande segredo da empresa que dirigem. "Ser empreendedor é como saltar de um precipício e ter de construir o próprio paraquedas. Não obstante os altos e baixos, os sucessos e insucessos da experiência, tenho orgulho em olhar

para trás, ver tudo o que alcancei apesar de tão novo e pensar que todos os sacrifícios têm valido a pena", remata Pedro, confessando ainda ter passado muitas noites sem dormir. O EcoBook (ecobook.pt) constitui um exemplo de como sustentabilidade e solidariedade podem andar de braço dado com negócio.



APOSTA EM FORNECEDORES CERTIFICADOS

PAPELARIA ONLINE COM PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS

A Made in Paper disponibiliza na Web todos aqueles artigos difíceis de encontrar nas papelarias "normais".

O seu segredo reside, sobretudo, na originalidade, mas também na relação preço/qualidade. Apesar de não ser uma empresa assumidamente ecológica, preocupa-se com a qualidade dos produtos que vende (livres de químicos e produtos tóxicos, acid free ou ecofriendly) e dos fornecedores, que deverão ser certificados e "amigos" do ambiente. "As nossas maiores dificuldades são encontrar em Portugal os produtos que queremos, de modo a reduzir a importação. Por outro lado, tentamos que tenham pouco impacto ambiental e procuramos sempre fábricas que cumpram os requisitos ambientais da

União Europeia", explica Rita Rodrigues, uma designer gráfica lisboeta, de 36 anos, que há três resolveu aventurarse nas lides do empreendedorismo. A percentagem de artigos de fabrico nacional já é grande, mas não tanto quanto desejaria. "Consiste num work in progress. Só descansaremos no dia em que 100% das nossas mercadorias forem produzidas no nosso País ou, pelo menos, na Península Ibérica", acrescenta. Em termos de produto ecológico, o principal trunfo da Made in Paper (madeinpaper. bigcartel.com) é um fio de algodão (para embalagem e trabalhos manuais) criado



com restos dos outros rolos ou de cores que não se vendem tanto. Resultado: um fio com uma cor muito original, a que chamam Roupa Velha.



Luísa Sobral

CIDADÃ DO MUNDO

De volta com o disco *Lu-Pu-I-Pi-Sa-Pa*, naquele que é o seu primeiro trabalho dedicado às crianças, a cantora volta aos tempos em que era pequena para explicar muitos dos cuidados que atualmente tem com o meio ambiente

Texto Pedro Guilherme Lopes

os 27 anos, Luísa Sobral completa mais uma etapa da sua carreira lançando um disco para crianças. Lu-Pu-I-Pi-Sa-Pa, assim se intitula o trabalho, numa alusão à linguagem dos pês, é um desejo antigo que tão cedo não pensa repetir. Mas que se está a revelar um enorme desafio. Tal como conseguir "abanar" a consciência ambiental das pessoas para o facto de, invariavelmente, bastarem vários pequenos gestos para conseguirmos um planeta melhor para todos.

Sendo esta uma revista sobre ambiente e sustentabilidade, permita-me começar por recordar um projeto em que esteve envolvida, em defesa do Vale do Tua, e de onde saiu, por exemplo, a canção *Os Sítios mais Lindos que Vi*, em parceria com a Márcia. Como surgiu essa ideia?

O convite partiu da Márcia e eu decidi ir com ela ao Vale do Tua para conhecer e para falar com as pessoas, até porque sou de opinião que não faz sentido estar a ser a cara de algo sem conhecer bem a realidade. Era uma altura em que a ideia



Hoje há muito mais informação e é cada vez mais comum serem as crianças a levar a mensagem ecológica aos pais





onde as pessoas apanham multa se não reciclarem, por isso acredito que em Portugal o sistema até é equilibrado e funciona.

Portanto, já se percebeu que a Luisa faz a separação do livo

Faço, sempre fiz, embora na zona onde estou tenha que utilizar o carro para me deslocar ao ecoponto. Eu dou-me a esse trabalho, mas há pessoas que não têm paciência e colocam tudo junto no contentor do lixo comum. No fundo, como em tantas outras situações, quanto mais facilitado for o processo, mais pessoas irão aderir.

Embora existam pessoas que não separam os resíduos porque o ecoponto fica a 50 metros... Podemos dizer que este respeito pelo planeta e, no fundo, pelos outros se resume muito a pequenos gestos e que dá que pensar o porquê de, por exemplo, ainda haver pessoas a atirarem as beatas janela fora quando têm um cinzeiro no carro?

Essa é das coisas que mais me tira do sério! Confesso que não consigo entender como é que ainda existem pessoas que atiram o lixo pela janela. Para mim, isso é pré-histórico e só me dá vontade de voltar a atirar o lixo para dentro do carro ou de casa! Também acho nojento, acho que é mesmo esta a palavra, não apanhar o cocó do cão. Eu tenho dois cães e tenho esse cuidado.

E que outros cuidados tem com o ambiente?

Por exemplo, eu sou vegetariana por achar que como nós comemos muita carne acabamos por passar a ter que alimentar os animais de forma diferente. Essa carne modificada foi algo que reparei imenso nos Estados Unidos, e foi nessa altura que deixei de comer carne. Atenção, que não sou nada de extremos e irrito-me facilmente com pessoas que acham que os outros devem pensar e agir como elas. O que eu penso é que só uma pessoa pode não fazer a diferença, mas se muitas pessoas pensarem assim talvez exista a possibilidade de criar os animais de uma forma melhor. Também costumo comprar legumes biológicos, encomendando um cabaz que me é entregue em casa e que, ao contrário do que as pessoas pensam, não fica muito mais caro do que ir a um supermercado convencional. E o sabor dos alimentos não tem comparação! No fundo, eu preocupo--me bastante em saber a proveniência das coisas que como. Também tenho o cuidado de não tomar banhos de imersão e tenho atenção às torneiras abertas quando não é necessário, evito deixar luzes acesas se não estou nas divisões... acabo por fazer aquilo a que fui habituada em pequena e tento comportar-me como alguém que gosta da Natureza. Aliás, nas últimas férias fui para uma fajã, nos Açores, onde não havia eletricidade e onde apenas vivem duas ou três pessoas durante o ano inteiro e adorei! Cozinhei à luz das velas. quem comia peixe pescava-o...

CANTAR PARA LÁ DO ÓBVIO

A propósito da campanha do Instituto do Sangue e da possibilidade de cantar para crianças sobre o ambiente

Durante a entrevista, "atiramos" a Luísa Sobral a possibilidade de lhe ser proposto um disco ou uma música relacionada com o ambiente e dirigida às crianças. "Por acaso, quando tinha 17 anos, fiz um musical no Tivoli que era sobre o oceano e era dirigido às crianças, com o objetivo de as alertar para a poluição", começa por recordar, explicando depois que gosta de fazer as coisas de forma que não seja demasiado óbvia. "Por exemplo, eu fiz há muito pouco tempo uma canção para uma campanha do Instituto do Sangue e se alguém a escutar fora do contexto não diz que foi feita para passar uma mensagem tão específica. Portanto, poderia ser um desafio interessante fazer uma música desse género e conseguir fazê-lo de forma camuflada..."

Falou de hábitos que ganhou em pequena e é a esses tempos que regressa neste seu novo disco. Foi uma ideia que já vinha sendo maturada ou foi um impulso?

Fazer um disco para crianças era algo que eu já desejava há bastante tempo, mas percebi que em termos de carreira fazia todo o sentido assumir primeiro o meu estilo. Assim, os dois primeiros discos deixaram bem explícito quem eu sou e abriram espaço para, agora sim, fazer este disco para crianças sem correr o risco de ser conotada como uma cantora infantil.

É um disco que acaba por alterar a forma como habitualmente promove os seus trabalhos?

Desde logo acaba por ser uma experiência muito interessante estar a fazer concertos no estrangeiro para adultos e depois, em Portugal, fazê-los para crianças. Eu gostava de poder fazer concertos mais cedo, por exemplo às 18h, mas as pessoas não estão habituadas e acabámos por ter que agendar os primeiros concertos para a noite, o que é complicado para as crianças. Portanto, um dos grandes objetivos é ter concertos mais cedo.

E que balanço faz do lançamento do disco?

Tem sido fantástico ver a reação das crianças, porque a música tem passado no canal Panda e eles sabem a letra. Depois as crianças conseguem ser muito mais espontâneas do que os adultos e mostram logo se gostam ou não, o que faz com que esta esteja a ser uma experiência muito emotiva. E isso é um problema, porque eu emociono-me muito com a reação das crianças. Se estiverem a cantar as músicas mais mexidas e alegres, ainda consigo disfarçar, agora quando as ouço cantar as baladas fico mesmo emocionada, portanto é um desafio extra conseguir controlar-me.



Recicla - Mitos

RECICLAR SEM DÚVIDAS

A nova campanha da Sociedade Ponto Verde promete desmistificar várias questões associadas à reciclagem.



Sociedade Ponto Verde sabe o quão fundamental é elucidar todas as questões relacionadas com a reciclagem e sabe, também, que a televisão, o cinema e a internet são fantásticos suportes para chegar à maioria dos portugueses. E se na memória coletiva ficou gravada a campanha onde as crianças nos contavam o que era possível fazer com as embalagens que colocamos no ecoponto, a próxima campanha promete repetir esse impacto. Nuno Markl e César Mourão encarnam o papel de caçadores de mitos, neste caso mitos associados à reciclagem. A verdade é que, por exemplo, ainda existem pessoas que afirmam que não separam o lixo porque não há ecopontos suficientes, quando, na realidade, existem três vezes mais ecopontos do que caixas Multibanco. Outros mitos, como a necessidade de lavar as embalagens antes de colocá-las no ecoponto, a ideia de que os camiões que fazem a recolha voltam a misturar todas as embalagens ou a tese de que não se justifica separar embalagens se já pagamos a gestão de resíduos na fatura da água, vão cair por terra com os argumentos que os protagonistas apresentam.

A Recicla traz-lhe em primeira mão algumas das imagens das filmagens de uma campanha que mostra que o humor pode rimar com reciclagem.













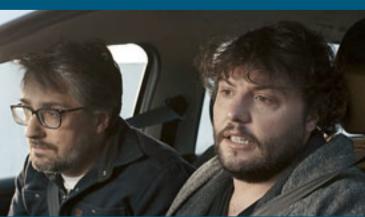


















Bertrand Piccard e André Borschberg apresentaram o seu plano de voo em Abu Dhabi. Será precisamente da capital dos Emirados Árabes Unidos que, entre final de fevereiro e início de março, partirão rumo a Omã e às cidades indianas de Ahmedabad e Varanasi. Segue-se a China, o Havai, Nova Iorque, o Sul da Europa ou o Norte de África, última de 12 escalas antes do regresso a Abu Dhabi, previsto para final de julho ou início de agosto. Para a posteridade ficam as palavras de Piccard: "Queremos demonstrar que as tecnologias limpas e as energias renováveis permitem alcancar o que era considerado impossível. O que fazemos com este avião todos podem fazer no seu dia a dia, ajudando a economizar os recursos

1 **UM DESEJO**

"Embora não seja possível que todos os aviões comerciais convencido de que as tecnologias utilizadas permitir **DIMINUIR PARA METADE O CONSUMO ENERGÉTICO** a nível da aventura.

O PRIMEIRO SOLAR IMPULSE

Depois de, em 2010, o ter voado ao longo de 26 horas seguidas, provando a sua capacidade de acumular energia suficiente continuar a voar à noite, partiram da Califórnia, **ATRAVESSAREM OS** ESTADOS UNIDOS (2013).

3 VOA LEVE, LEVEZINHO

O material escolhido para utilização de **FIBRA DE CARBONO** permite-lhe pesar tanto como um iipe Range Rover Vogue.

UM DESAFIO EM NÚMEROS

O Solar Impulse 2 mede 72 metros da ponta de uma asa à outra e irá percorrer 35.000 km a uma velocidade que andará entre 50 e 100 km/h. Esta volta ao mundo durará cinco meses, estando previstos 25 dias de voo efetivos.





Boa Energia

CIDADÃOS COM ENERGIA

Movem-se pelo melhor que as renováveis podem oferecer e querem pôr as pessoas e o planeta a ganhar com *kits* fotovoltaicos que promovem a independência energética.

Mas poupar na fatura da eletricidade e preservar o ambiente não bastam: em maio chega a Citizenergy, a primeira plataforma para investimentos transnacionais em energias renováveis que promete fazer as carteiras lucrar com a Boa Energia

Texto Ana Rita Lúcio

um interruptor quase automático. Quando uma boa ideia surge, é mais do que certo garantirmos que se fez luz. No caso de Nuno Brito Jorge, Miguel Aroso, Ricardo Iglésias e Carmen Estevez, a luz também se fez e com particular eficiência... energética. Tavira foi o cenário eleito pelos quatro amigos para ligarem a Boa Energia à corrente, uma ideia de negócio que da luz – solar – faz poupança na fatura energética dos lares e clientes empresariais portugueses.

Corria o ano de 2012 quando à fonte das economias comuns os amigos entretanto tornados sócios foram buscar os 20 mil euros que lhes permitiram construir a primeira central fotovoltaica da recém-criada empresa, numa unidade de turismo rural. Tirando proveito do sol, a partir de um modelo de negócio que depressa se replicou em mais duas centrais, em Lisboa, o propósito era gerar energia, gerando valor. "Quisemos criar uma empresa em alternativa a uma aplicação bancária", explica Nuno Brito Jorge.

A quem investia na empresa era garantido retorno – um juro variável, consoante o montante investido –, mas não tardou até que o "paradigma e a mensagem" mudassem. O que não mudou foi a perspetiva de ganhar com a Boa Energia, garante Nuno Brito Jorge. "Quisemos mostrar às pessoas que era possível investirem nas suas casas em equipamentos que geram poupança."

Além de "bom", segundo os seus promotores, o novo conceito da Boa Energia é simples: através de *kits* fotovoltaicos vendidos *online* e adaptados aos diferentes perfis de consumo, os clientes podem construir os seus próprios sistemas, ao jeito "faça você mesmo". Para tal basta dispor de um espaço, orientado a sul, com exposição solar e sem

JUNTAR INVESTIDORES A ENERGIA DA

O desafio veio de fora e os portugueses da Boa Energia responderam com potência máxima.

Seguindo um modelo que faz escola um pouco por toda a Europa nasceu a Coopérnico, a primeira cooperativa portuguesa que junta investidores em projetos de energias renováveis. Debaixo do mesmo "céu" convivem a produção energética e o apoio a projetos de solidariedade, educacionais ou de proteção ambiental. Em vista está já também a entrada na produção e comércio de eletricidade.

sombra, como uma varanda, um terraço, um jardim ou um telhado. Depois, é só ligar o painel fotovoltaico escolhido – a Boa Energia comercializa vários, com preços a partir de 400 euros – a qualquer tomada e ver a fatura da eletricidade começar a descer. O limite é o céu – e o sol que lá desponta, adianta Nuno Brito Jorge. "Criámos um novo serviço para o qual, na prática, não há limite. Quantos mais *kits*, mais eletricidade é produzida."

Oferecendo soluções que entram diretamente nas casas dos clientes, os rostos da Boa Energia estão também mais perto

Através de kits fotovoltaicos adaptados aos diferentes perfis de consumo os clientes podem construir os seus sistemas

graças ao serviço de consultoria prestado, que aconselha a compra ou substituição dos equipamentos fotovoltaicos. "Ao analisarmos as faturas de eletricidade dos nossos clientes, conseguimos dizer qual o *kit* ideal, fazemos um estudo dos consumos da pessoa ou da empresa e vemos qual o potencial de redução de gastos", adianta Nuno Brito Jorge.

Eficiência de todos para todos

A partir de maio deste ano, a produção da Boa Energia, além das fontes habituais, vai canalizar a energia dos cidadãos. Esse é o conceito da Citizenergy, a primeira plataforma para investimentos transnacionais em energias renováveis com a vertente de *crowdfunding*. Luminosa, como a primeira, a mais recente ideia da Boa Energia nasceu da sombra. "Queríamos investir num projeto de engenharia solar e não pudemos por falta de enquadramento legal. Percebemos que se tratava de um problema do nosso país, mas que poderia ser também de toda a Europa", recorda Nuno Brito Jorge. Com representação em Portugal, Espanha, Alemanha e Inglaterra (a sede deste projeto), esta plataforma para investimento em energias renováveis assegura o retorno financeiro que noutras plataformas de *crowdfunding* não é permitido – por cá, pelo menos. Porque, com a Boa Energia, no poupar é que está mesmo o ganho.

CORRENTE DE POUPANÇA

Os números de uma ideia que promete dar cada vez mais que falar

60

%

é até quanto pode poupar na fatura de eletricidade com as soluções de energia fotovoltaica da Boa Energia 70 A 85

economizados por ano na conta da luz permitem que em cinco anos se recupere o investimento nestes *kits* fotovoltaicos 20 MIL EUROS

foi o montante inicial que permitiu a Nuno Brito Jorge, Miguel Aroso, Ricardo Iglésias e Carmen Estevez lançar a Boa Energia no mercado 1,6 MILHÕES DE EUROS

angariados, contando com apoios europeus, foi o investimento que fez arrancar a plataforma Citizenergy



uando pensamos no termo redux, somos transportados para o universo do cinema e da literatura, onde surge associado a novas versões, melhoradas e atualizadas, de algo que já foi feito no passado. Ora, o que a dupla de arquitetos composta por João Araújo Sousa e Joana Correia da Silva veio propor é um novo conceito de habitação, capaz de aliar as técnicas de construção mais inteligentes a um design excecional. O meio para consegui-lo é a utilização de módulos Redux, que, ao invés de outros sistemas modulares, oferecem a particularidade de poderem adaptar-se às características do terreno. "Partindo de módulos base, em conjugação com várias escolhas de revestimento, desenhamos uma casa à medida dos gostos e das necessidades do cliente", explica

João Sousa, que garante a presença dos arquitetos na instalação da casa.

Mas este projeto, vencedor de uma menção honrosa na categoria One-Many no concurso internacional Marlegno Designing the Future 2014, vai mais além e mostra uma preocupação com o ambiente. "Apresentamos um sistema de construção sustentável, com a total compreensão do que um edifício pré-fabricado deve ser no século XXI. Incluímos técnicas avançadas de construção em madeira, alta performance térmica, equilíbrio da luz e ventilação natural, energia solar fotovoltaica e aproveitamento da água da chuva", explica o arquiteto. As opções de design e acabamento são infinitas e cada edifício é o resultado de uma colaboração genuína com cada cliente, respeitando o local, as

PROCESSO



TERRENO

Certifique-se junto das entidades competentes de que o seu terreno tem capacidade construtiva, acessos e ligação às redes públicas de eletricidade e saneamento.



CONSULTA

Reúna-se com a nossa equipa e traga o máximo de informação acerca do local escolhido (fotografias, plantas, etc.).

Será esboçado o orçamento para a sua casa, sem custos associados.



VISITA AO LOCAL

Depois da sua autorização para prosseguir, visitaremos o seu terreno para identificar as condicionantes e definir o melhor enquadramento para a sua casa.

Alta performance térmica, equilíbrio da luz, ventilação natural, energia solar fotovoltaica e aproveitamento da água da chuva

especificações do projeto e o orçamento previsto. E é possível o recurso a diferentes sistemas de construção, quer seja na estrutura, nos isolamentos ou nos revestimentos. Aqui, ganha destaque a utilização de materiais como a madeira, a madeira queimada e a cortiça, a que se juntam pormenores como o facto de a secção superior do telhado ser invertida, com o objetivo de direcionar a água da chuva para um recipiente que irá redistribuí-la para os serviços domésticos e irrigação do jardim.

Entretanto, a dupla de arquitetos foi um dos 16 finalistas do World Bamboo Design Competition 2014, fruto do projeto Bamboo Spirit, um pequeno pavilhão que Joana e João pretendem ver construído para a feira mundial do bambu, a realizar em setembro na Coreia do Sul. Mais um passo desta dupla de arquitetos no sentido de promover uma construção cada vez mais sustentável.



1F3 Área útil = 99 m² 3 módulos, 1 ou 2 quartos



2F4 Área útil = 118 m² 4 módulos, 2 ou 3 quartos



2F5 Área útil = 163 m² 5 módulos, 3 quartos



2F6 Área útil = 197 m² 6 módulos, 4 quartos



3 COURTS Área útil = 104 m² 3 + 1/2 módulos, 1 ou 2 quartos



Área útil = 134 m2 4 + 1/2 módulos, 2 ou 3 quartos



JAGGED Área útil = 134 m² 4 + 1/2 módulos, 2 ou 3 quartos



COMPACT Área útil = 108 m2 3 + 1/2 módulos, 1 ou 2 quartos



COMPACT 2 ANDARES Área útil = 216 m² 6 + 2 x 1/2 módulos, 3 ou 5 quartos



PROJETO

Definidos todos os parâmetros do projeto e aprovado o enquadramento do edifício, executaremos os projetos necessários para o seu licenciamento e construção.



CONSTRUÇÃO

O sistema de pré-fabricação permite a construção, montagem e acabamento da sua casa num ambiente controlado, reduzindo custos e prazos de entrega.

Os módulos estão preparados

Os módulos estão preparados para transporte viário.



ENTREGA E INSTALAÇÃO

O edifício chega ao local pronto para ocupação, totalmente equipado com rede elétrica, canalizações e acabamentos interiores, requerendo apenas a conexão entre módulos e às redes públicas.



projeto Bio Poli surgiu em novembro de 2013, integrado no Passaporte para o Empreendedorismo, uma iniciativa do programa estratégico +e +i, gerido pelo IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação. Atualmente constitui uma marca registada de ecodesign nacional da empresa Poli Design Studio, fundada

de *ecodesign* nacional da empresa Poli Design Studio, fundada em 2014 por dois *designers* da Covilhã, Ana Sofia Malta e Hugo Moreira, com 26 e 28 anos, respetivamente.

A ideia de comercializar um sistema de copos de plástico de origem vegetal, reutilizáveis, para eventos e empresas, começou a ser desenvolvida para solucionar um problema detetado pelos promotores em 2012. Durante um festival de verão, repararam na utilização de milhões de copos de plástico descartáveis, e se pensarmos que um simples copo deste tipo pode demorar até 400 anos a degradar-se num aterro...

Os Bio Poli são fabricados, como o nome sugere, com bioplástico, oriundo de matérias-primas renováveis (canade-açúcar ou milho). O plástico de origem vegetal não é tóxico para a saúde e durante a sua produção emite menos 4,6 toneladas de ${\rm CO_2}$ para a atmosfera comparativamente ao petroquímico. Reutilizáveis e personalizáveis, foram desenhados para serem fáceis de transportar.

Presentemente, os copos Bio Poli ainda não se encontram disponíveis no mercado, existindo, para já, protótipos desenvolvidos numa impressora 3D. No entanto, "por parte do público em geral, com o qual temos contactado em exposições e conferências em que participamos, tem havido interesse e encorajamento para o desenvolvimento do produto e sua aplicação no mercado. Do lado das empresas, desde promotoras de eventos a câmaras municipais, também temos tido pedidos de orçamentos", diz Ana Sofia Malta.

Para que o copo se torne realidade é necessário recorrer, como já referimos, ao bioplástico, um material inovador e ecológico. O custo elevado da matéria-prima constitui o principal entrave à sua comercialização a curto prazo. Na opinião da *designer*, "o Estado português poderia criar incentivos/apoios para *start-ups* que desenvolvam produtos sustentáveis a nível ecológico, de modo a ser possível implementar no mercado produtos que promovam a sustentabilidade ecológica, económica e social". Entretanto, o projeto foi um dos finalistas da 7.ª edição do Green Project Awards Portugal 2014, na categoria de Consumo Sustentável, concorrendo taco a taco, na mesma categoria, com projetos de grandes empresas, como a EDP, a Jerónimo Martins e outras de renome nacional. A menção honrosa recebida representou para os mentores da Bio Poli uma grande validação do trabalho desenvolvido.

Sempre a pensar no futuro

Não faltam ideias para outros artigos, visto que existem no mercado vários produtos descartáveis/semidescartáveis que podem facilmente tornar-se reutilizáveis. Os mais problemáticos, e que a equipa considera merecedores de 30 000

número de copos espalhados num evento de 10 mil pessoas, durante o qual cada uma tenha consumido uma média de três bebidas

vezes menos poluente do que um copo descartável

60%

média de redução de custos com limpeza de resíduos através de sistemas reutilizáveis

80%

de redução do volume de lixo num evento

46

kg de CO₂ é quanto pode gerar o fabrico de um copo descartável tradicional 180

número de dias, aproximados, que o plástico biodegradável oriundo do milho demora a degradar-se numa central de compostagem. O de origem petroquímica pode levar 400 anos...

O ecodesign e o green marketing são duas áreas que devem ser valorizadas, pois podem levar ao consumo amigo do ambiente

atenção, são, por exemplo, as fraldas para bebés (demoram cerca de 450 anos a degradarem-se), as escovas de dentes, os cotonetes e as esponjas de lavar a loiça, entre muitos outros. Por outro lado, "o nosso maior sonho consiste em tornar a Bio Poli uma marca de referência de ecodesign a nível nacional e internacional e demonstrar, através dos nossos produtos, a importância do *ecodesign* e do *green marketing*, duas áreas profissionais que devem ser valorizadas, pois podem levar ao consumo consciente e amigo do ambiente", remata a jovem, que deixa aos leitores uma reflexão. Porquê continuar a consumir produtos descartáveis, responsáveis pelo consumo de toneladas de recursos naturais (cada vez mais escassos!), se não são sustentáveis a nível ecológico, económico e social? Um consumidor consciente é amigo do ambiente, e por isso deve optar por produtos que respeitam os 3 "Rs" da sustentabilidade: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.



15, 16 E 17 DE MAIO

EDUCAR PARA CONSERVAR

JARDIM ZOOLÓGICO DE LISBOA

Intitula-se 2011-2020 Biodiversidade – Educar para Conservar, destina-se a estudantes e profissionais das áreas de biologia, ambiente, educação, entre outras, e é um workshop que oferece aos formandos a possibilidade de integrarem a equipa de Guias de Programas Educativos para Escolas do Jardim Zoológico, dotando-os ainda de ferramentas para trabalharem na área da educação ambiental.

DATAS ECOLÓGICAS

21/03 Dia Internacional

22/03 Dia Mundial da Água

22/04 Dia Mundial da Terra

22/05 Dia Internacional da Biodiversidade

14 F 15 DF MAIO

SUSTAINABLE CITIES: DESIGNING FOR PEOPLE AND THE PLANET

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

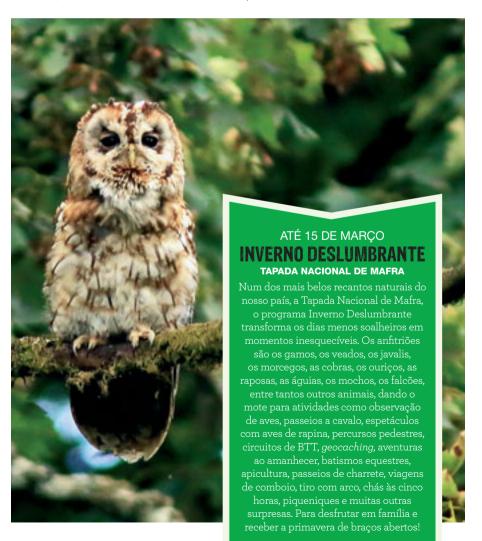
A segunda edição da Conferência Multidisciplinar Energia para a Sustentabilidade (EFS 2015) terá lugar em Coimbra e terá como tema Sustainable cities: Designing for People and the Planet. Funcionando como um fórum de discussão, o objetivo da conferência EFS 2015 é contribuir para o debate sobre o tema através da presença de investigadores e estudantes de diferentes áreas científicas e outros agentes relevantes, fomentando a troca de conhecimentos, experiências e novas ideias.

3 A 5 DE MARÇO

GREEN BUSINESS WEEK

CENTRO DE CONGRESSOS DE LISBOA

Um evento incontornável para quem quer perceber o crescimento, a nível mundial, da economia verde, que contará com a presença do ministro do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Jorge Moreira da Silva, do presidente do Conselho Estratégico da Green Business Week, professor Daniel Bessa, e de mais de 60 empresas e entidades parceiras.



25 DE MARÇO

EMBALAGENS EM TECIDO PARA O DIA A DIA

MUSEU DO ORIENTE, LISBOA

Um quadrado de tecido. Dois ou três nós. Algumas dobras e está pronta: uma embalagem em tecido. Tudo serve de pretexto para a arte do furoshiki: das necessidades do dia a dia até ocasiões mais especiais. Neste workshop, a cultura japonesa cruza-se com os ensinamentos para proteger o ambiente recorrendo a um pedaço de pano.

12 DE ABRIL

SAPOS, TRITÕES E COMPANHIA

FUNDAÇÃO DE SERRALVES, PORTO

Sapo com cauda, fêmeas a coaxar, tritões a saltitar?! Não, vamos recomeçar: anuros não têm cauda, coaxar é tarefa dos machos e urodelos não conseguem saltar. Num programa pensado para famílias, o desafio passa por observar girinos de sapos e salamandras e aprender a identificar qual é qual. Para descobrir, quantas espécies de anfíbios existem no parque, onde se refugiam e como se estudam.

HÁ MUITAS FORMAS DE SEPARAR



Utilizando ecopontos domésticos, sacos do lixo coloridos, sacos reutilizáveis ou ecobags, qualquer forma é positiva para separar para além dos sacos de plástico.

O ambiente agradece.





ECOKIDS

QUERES ADOTAR UM BURRO



A AEPGA - Associação para o Estudo e Protecção do Gado Asinino é uma ONG, ou seja, é formada por voluntários que trabalham para protegerem as raças autóctones de burros, em particular do burro de Miranda.



Descobre mais sobre esta simpática espécie e aiuda a preservá-la!

(2)

Sabias que ao adotares um burro, além de ajudares na manutenção destes centros e dos animais, estás a ajudar a Associação a, por exemplo, garantir os cuidados veterinários aos burros do Planalto Mirandês e a desenvolver atividades de sensibilização junto das escolas do concelho?



O Programa de Adopções e Donativos é principal forma encontrada para consequir manter os três centros da Associação e dos seus animais - Centro de Recria de Atenor, Centro de Acolhimento de Duas Igrejas e Centro de Pena Branca.



Já imaginaste chegares à escola e dizeres a todos que és padrinho de um burro e que o ajudas a crescer e a alimentar-se? Desafia os teus professores a falarem sobre estes animais e brilha dizendolhes que o burro mirandês representa a primeira raça autóctone (significa ser natural do território onde vive) de asininos (termo técnico para burros) de Portugal.



O burro de Miranda possui características únicas, que nos permitem identificar o animal.

- Pelagem de cor castanha escura com gradações mais claras nos costados e face inferior do tronco;
- Pelo comprido e grosso;
- Orelhas grandes, largas na base e arredondadas na ponta, e com pelo abundante;
- Cabeça volumosa;
- Focinho curto, com a extremidade branca;
- · Lábios grossos.
- Olhos rodeados por uma mancha branca:
- Pesco
 ço curto e grosso;
- · Peito largo;
- Estatura elevada, mais de 1,20 m, idealmente com 1.35 m:
- Fisicamente robusto, com patas grossas;
- Temperamento dócil.

Para apadrinhares um burro de Miranda, vai a www.aepga.pt

e clica em Apadrinhamentos. Aí ficarás a conhecer todos os burrinhos que estão à espera de um padrinho e uma ficha de inscrição que poderás preencher com a ajuda dos teus pais



Cognome: O Brincalhão

Data de nascimento: 20/04/2005

Local de residência: CVBM. Atenor

Ocupação extrapastoreio: Companheiro de viagem, ator, embaixador da raca asinina de Miranda

Habilidade especial: Deitar a língua de fora



CUCA

Cognome: A Serena

Data de nascimento: 11/04/2003

Local de residência: CVBM. Atenor

Ocupação extrapastoreio: Cuidar da sua cria, o Jeremias

Habilidade especial: Guarda-costas da amiga



Cognome: A Companheira

Data de nascimento: 06/03/2008

Local de residência: CVBM. Atenor

Ocupação extrapastoreio: Ser cúmplice da Daina

Habilidade especial: Ser superamiga



HERA

20/05/2012

Cognome: A Mimalha Data de nascimento:

Local de residência: CVBM. Atenor

Ocupação extrapastoreio: Exigir mimos

Habilidade especial: Desviar as atenções



DON QUIXOTE

Cognome: O Aprendiz

Data de nascimento: 06/03/2008

Local de residência: CVBM. Atenor

Ocupação extrapastoreio: Companheiro de viagem

Habilidade especial: Camuflagem



Ambiente: um desafio para o seu negócio, uma aposta no futuro.

A Ponto Verde Serviços é o parceiro certo da sua empresa para a área do Ambiente.

Com um profundo conhecimento da realidade empresarial, a Ponto Verde Serviços disponibiliza um leque alargado de soluções de consultadoria ambiental adaptadas a cada tipo de actividade económica, e oferece apoio integrado no âmbito da gestão de resíduos e do mercado voluntário de carbono, bem como ao nível da gestão de embalagens para empresas exportadoras.

Numa verdadeira aliança entre ambiente e sucesso empresarial, a Ponto Verde Serviços ajuda a sua empresa a atingir os indicadores de sustentabilidade ambiental mais determinantes para um desempenho excelente rumo a uma economia verde.







Para saber mais, visite-nos em:

www.pontoverdeservicos.pt



RECICLA

A PUBLICAÇÃO DE REFERÊNCIA NA ÁREA DO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA, GRATUITA EM FORMATO IPAD E ANDROID.

> FAÇA JÁ O DOWNLOAD NA APP STORE OU GOOGLE PLAY.













